



## **DIZERES LÍTERO-GEOGRÁFICOS: AGROECOLOGIA EM CRÔNICAS**

### **LITERARY-GEOGRAPHICAL SAYINGS: AGROECOLOGY IN CHRONICLES**

**Ana Carolina Oliveira Marques** – UFPB – João Pessoa – Paraíba - Brasil

[carol.geografia@hotmail.com](mailto:carol.geografia@hotmail.com)

**Rodrigo Emídio Silva** – UEG – Goiás - Brasil

[rodrigo.emidio02@gmail.com](mailto:rodrigo.emidio02@gmail.com)

**Valdir Specian** – UEG – Iporá – Goiás - Brasil

[valdirspecian@ueg.br](mailto:valdirspecian@ueg.br)

#### **RESUMO**

A inquietação que nos levou à produção deste artigo emergira do caráter burocratizado de grande parte dos textos científicos, herança de uma tradição discursiva que, ao reivindicar neutralidade, comprometeu a autoria. Se, na Agroecologia, conclama-se a aproximação entre o conhecimento científico e o saber vernacular, parece-nos também salutar a oxigenação da escrita acadêmica na direção de uma “defossilização” do texto. A partir de três crônicas que versam acerca do movimento agroecológico, ilustramos o esforço coletivo empreendido pelo grupo de pesquisa “Espaço, Sujeito e Existência” (CNPQ), que há mais de uma década vasculha as possibilidades latentes no encontro entre Geografia e Literatura, tensionando novos dizeres lítero-geográficos. Endossamos o princípio freireano de que há que se cultivar e disseminar palavras prenhas de mundo (FREIRE, 1987), palavras que anunciam novas geografias-em-forma-de-vida (MARANDOLA JR, 2018). As crônicas aqui compartilhadas são endereçadas a diversos espaços e situações: salas de aula, acampamentos e assentamentos rurais, cursos de formação, sarais, bares. Esperançamos que os leitores, ao invés de recolherem para si as palavras que aqui oferecemos, degustem-as vagarosamente e as semeiem em outros quintais.

**Palavras-chave:** Geografia, literatura, escrita.

#### **ABSTRACT**

The discomfort that led us to the production of this article emerged from the bureaucratized character of most scientific texts, a legacy of a discursive tradition that, by claiming neutrality, compromised authorship. If, in Agroecology, the approximation between scientific knowledge and vernacular knowledge is requested, we see as important the oxygenation of academic writing in the direction of a "defossilization" of the text. From three chronicles about the agroecological movement, we illustrate the collective effort made by the research group "Space, Subject and Existence" (CNPQ), that for more than a decade has been searching the latent possibilities on the border between Geography and Literature, inviting to new literary-geographical sayings. We converge with Freire's presupposition (1987) that we must cultivate and disseminate words full of the world,

---

words that call for new geographies-in-life-form (MARANDOLA JR, 2018). The chronicles shared here are addressed to diverse spaces and situations: classrooms, occupations and rural settlements, training courses, sarais, bars. We hope that readers, instead of collecting for themselves the words we offer here, will taste them slowly and sow them in other backyards.

**Keywords:** Geography, literature, writing.

---

## INTRODUÇÃO - A SEMEADURA DAS PALAVRAS

Conforme os linguístas, literatos, psicólogos, educadores, psicanalistas, a linguagem é a matéria prima do pensamento e da ação humanos. De forma menos rebuscada, podemos dizer que nossos pensamentos e comportamentos são limitados ou expandidos conforme o nosso universo linguístico. Mas não basta um compilado de palavras (léxico), a linguagem – especialmente a escrita – nos exige destreza ao manejá-las.

É consenso também, entre os estudiosos, a insuficiência da linguagem diante da realidade, dos fenômenos da natureza, das experiências, sentimentos e emoções. Vejamos: que nome dar ao maravilhamento do olhar de uma criança que avista o mar pela primeira vez? E à reação do estômago faminto ao cheiro de pequi, no almoço de domingo, na casa da avó? Como nomear o último aperto de mão entre um pai e um filho num quarto de UTI? E o degradê de cores das flores do ipê?

Recorremos à mesma palavra ou expressão para designar objetos, situações e sensações de natureza distintas. Por exemplo: o verbo “desejar”: o objeto (direto ou psicanalítico) do nosso desejo pode variar desde um açaí com granola, uma viagem para Joanesburgo ao reconhecimento de um pai. Desejamos coisas, emoções, *status* sociais, identidades, lugares, histórias, companhias, amores.

Se a linguagem é limitada, porém fundamental na nossa inscrição no mundo, interpelemo-nos: quais palavras alicerçam o nosso pensamento e a nossa experiência?

Sendo a linguagem estruturada socialmente (primeiro a realidade, depois a elaboração em linguagem), ela é também objeto de disputa, objeto de poder. “Nunca houve um processo colonizador que deixou de começar pelo ato de propor [exigir] ao outro: *fale a minha língua, porque assim a gente se entende*”. (DUNKER, 2021). Também

---

por isso, o empreendimento da descolonização – incompleto até os dias atuais – requer coragem de dizer palavras outras, a partir de outras perspectivas e sujeitos de enunciação.

O objetivo deste texto é, portanto, lançar a Agroecologia enquanto um dizer o mundo. E, ao dizê-lo, semeia os princípios, valores e práticas que a compõem. Partimos da premissa que o movimento agroecológico questiona não só as bases produtivas do modo de produção capitalista, mas um projeto societário, passando, inclusive, pela formas primárias de nos apropriar das coisas e referenciar nosso pensamento e ação.

Nesse campo de batalha da linguagem, por meio das crônicas, acolhemos palavras preñas de mundo (FREIRE, 1987) e distribuimos palavras que anunciam novas geografias-em-forma-de-vida (MARANDOLA JR, 2018).

Após esta introdução, damos sequência com reflexões acerca do discurso geográfico e a tendência burocratizante do texto acadêmico. Em seguida, ilustramos o esforço coletivo empreendido pelo grupo de pesquisa “Espaço, Sujeito e Existência”(CNPQ), que há mais de uma década vasculha as possibilidades latentes no encontro entre Geografia e Literatura, tensionando novos dizeres lítero-geográficos. Compartilhamos três crônicas que convergem para o tema da Agroecologia. Textos como os que aqui dividimos estão disponíveis na “Coluna Opinião” do blog “Multiplicadores de Visat” (Vigilância Sanitária e Saúde do Trabalhador), gerenciado por professores e estudantes da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ-RJ).

Esperançamos que os leitores, ao invés de recolherem para si as palavras que aqui oferecemos, degustem-as vagarosamente e as semeiem em outros quintais.

## **A PRODUÇÃO DO DISCURSO GEOGRÁFICO E A (DES)FOSSILIZAÇÃO DO TEXTO ACADÊMICO**

As crônicas que seguirão, escritas por três geógrafos, abrem o debate não só ao conteúdo – a Agroecologia e o conjunto de sujeitos, valores e conhecimentos convergentes –, mas à forma, ou melhor, o texto enquanto materialidade de um discurso.

---

Ruy Moreira, no clássico “O que é a Geografia”, sintetiza o empreendimento discursivo da Geografia, comparando-a à História:

Geografia e história nascem, pois, de um mesmo processo, o da localização dos fenômenos, porém em ordens de distinta qualidade, a geografia localizando-os no espaço e a história no tempo, por isso mesmo nascendo diferentes e separadas. A história nasce como o registro dos acontecimentos na sucessão, ao passo que a geografia não dá na coabitação. A forma de leitura da história é a narrativa, enquanto a da geografia é a descrição. (2017, s/p)

O esforço intelectual ao qual nos convida Ruy Moreira exige expandir a noção de descrição para além da compilação de informações desconexas. Uma descrição que não se esgota no tempo e espaço presentes, mas que subsidia um “processo de ideação” – diz Ruy em outro texto, *Pensar e Ser em Geografia* (2007) – que irá mobilizar ferramentas intelectuais que permitirão, inclusive, a superação (da percepção do sujeito) da descrição. Em outras palavras, descrever é necessário para explicar e interpretar, mesmo que tais movimentos do pensamento superem o ato anterior, revelando-lhe equívocos, incompreensões, confusões. Não há, entretanto, nenhuma possibilidade explicativa que prescindia da descrição.

No ato de descrever, a geógrafa e o geógrafo são desafiados a elevarem à última potência seus sentidos. Posicionar-se em um ponto de vista, estabelecer recortes, sistematizar aquilo que a audição, a visão, o olfato entre outros sentidos captam, são algumas das condições do ato de descrever. Mas, toda a riqueza da percepção precisará, em seguida, ser submetida ao crivo da linguagem escrita. E aqui, corre-se o risco da reprodução de filões discursivos indiferentes à “variedade” do mundo. Variedade esta que, segundo o geógrafo anarquista Piotr Kropotkin (2021), “é a própria vida”.

O ato de descrever enfrenta ainda outros desafios na sociedade contemporânea, devido especialmente à fragmentação do olhar e à captura da atenção:

O atravessamento de informações e imagens, não apenas interfere na capacidade lógica, mas na emoção. E também no corpo total desse sujeito, trata-se agora de um sujeito conectado, mas fragmentado. A tendência da fragmentação do sujeito, atingindo pela chuva de informação sem tempo para dirimi-las, sem saber as suas origens, estranha às suas experiências, pode constituir um esmagamento das singularidades. Ou seja, a uma perda de si mesmo, ao distanciamento e a uma defasagem de suas próprias experiências. É como se morasse no mundo, não em si. (CHAVEIRO, 2015 p. 43)

---

A avalanche de informações que ameaça a integração do sujeito, ameaça também a produção do discurso geográfico. A “perda de si mesmo”, o “distanciamento” e a “defasagem de suas próprias experiências” estão refletidas em discursos (e textos) sem autoria.

A aproximação com a literatura tem sido, diante desse cenário de fragmentação e exílio do sujeito, a forma com que pesquisadores e pesquisadoras buscam firmar-se como autores:

Como arte do dizer na forma da palavra escrita, a literatura é, também, uma voz sobre o real. A ficção conta com a imaginação criadora, mas o sujeito que escreve o faz porque é um ser-do-mundo. Conforme sublinharia Sartre (1987), o escritor, como sujeito-do-mundo, só escreve porque engaja-se no mundo inteiro. Assim, a sua escritura literária é um modo de repercutir a sua experiência-de-mundo e, de portanto, fazer a si mesmo. Isso que dizer: o escritor ao inventar mundos ficcionais por meio da narrativa adentra a si mesmo. Se a sua matéria-prima é a palavra, a substância criadora é o seu íntimo produzido por sua experiência de sujeito. Contando com o “armazém de signos” produzido por essa experiência, o escritor, conforme advertiu Tezza (2012), não precisa temer pisar o chão, embora o faça com a mente na lua, na imaginação. (CHAVEIRO, 2015, p. 44)

Se, na Agroecologia, conclama-se o reconhecimento e diálogo entre saberes de diferentes matrizes epistemológicas (vernacular e científico, por exemplo), também na produção de texto parece-nos salutar romper com a tendente “fossilização” do texto acadêmico. As crônicas a seguir fazem não só uma viagem pelo universo da Agroecologia, mas são, também – e não menos importante, um convite ao reflorestamento do texto.

### **Crônica I - EÑUNI A EKOBÉ: ENTRE O SOFRIMENTO E A RESISTÊNCIA**

O Fogo, grande força da natureza, foi dominado por mulheres e homens a cerca de 10 mil anos A.C. Mas, na verdade, ele foi parcialmente dominado e muitas vezes mal utilizado. O fogo proporcionado pelas lavas de vulcão em fúria é algo maior que o homem. O fogo descontrolado no Cerrado é algo de domínio do homem – da fúria do capitalismo.

---

Mas o fogo que queima e devasta é afrontado. Não apenas ele, a seca no Cerrado é brutal e unida ao fogo é devastadora/provoca sofrimento. No puro ato de confronto/de coragem as plantas reagem. Após a queimada, que devasta o Cerrado, é solene lançar-se, permitindo a perpetuação das espécies. Os Ipês são os primeiros: o cinza e o carvão deixados pelo fogo são motivos para recuar, pelo contrário, é provocação para o início de um novo ciclo.

As flores do Ipês – amarelos – se destacam na paisagem. Lançam as flores em meio ao caos e, usando de toda a energia, resistem. As flores (polinizadas) se transformam em vagens carregadas de sementes que ao seu tempo, ainda na seca, se desprendem em voo livre para buscar o solo mais distante e, aguardam pacientemente as chuvas chegarem para germinar (Eñuni) a vida (Ekobé).

O fogo é aliado quando quebra a dormência vegetativa das sementes. O Cerrado é forte. Os camponeses que resistem nesse Brasil Cerrado são fortes.

Em Canudos – Assentamento de Goiás – muitos camponeses chegaram nas áreas devastadas da antiga fazenda desapropriada com poucos pertences. No pasto degradado foi necessário resistir e produzir, recuperar o solo, lançar sementes e iniciar um novo ciclo.

Chaveiro (2021) aponta que na natureza nada é quadrado. O sentido, figurado, nos leva a atinar sobre a capacidade de transformação e vibração da natureza. Canudos abriu mão do quadrado burro, usualmente utilizado na divisão de terras para a Reforma Agrária, preferiu os raios, as parcelas unidas formam círculos que unem as famílias ao centro/no eixo dessa grande roda da vida.

Tristes são as plantas que sabem que seus frutos são estéreis. Ayny (sementes) que não podem oferecer vida. Um desarranjo socioambiental provocado por aqueles que querem controlar a “Ekobé”. Camponeses de Moçambique foram iludidos ao receberem sementes transgênicas doadas por multinacionais – um engodo da segurança alimentar em detrimento da soberania alimentar. Para garantir o alimento é preciso conversar, antes, sobre sementes (GONÇALVES, 2018).

A tecnologia nos permite avançar, ter conforto, mas não se pode esquecer do complexo/simples dos antepassados. Guardar a semente, diversificar e garantir o

---

futuro. A diversidade colorida das sementes crioulas que índios, depois camponeses utilizam, resistem a centenas de anos, conservando o Cerrado em pé. A revolução verde e a tecnificação do campo – fez o mesmo Cerrado agonizar em menos de 5 décadas. O simples/o simples. E para nunca esquecer, a fome não nos deixou. O campo tecnificado e (re) acionário expulsou camponeses para os centros urbanos, nos “quadrados das cidades”/geometria da fome/da ignorância/da exploração de sonhos impossíveis. Eles resistem, precisam deixar sementes para as futuras gerações.

O Cerrado vivo é espaço dos camponeses e da agroecologia. Para Specian e Chaveiro (2020) a permanência na terra é um ato de resistência, a recuperação e conservação do Cerrado, seus rios, nascentes, o solo é mais que isso – é um ato de resistência socioambiental.

Encher o Cerrado de sementes/de gente que tenha consciência de classe/ que lute pela vida de tudo e de todos é a tarefa do momento. Negar a ocupação do Cerrado por gente é permitir a ocupação das máquinas de morte.

## **Crônica II – AGROECOLOGIA, POR UMA LINGUAGEM DA RESISTÊNCIA**

As palavras são seres misteriosos, mágicos, por vezes, fantasmagóricos e, por tantas outras, encenadores de si. Colher palavras é um retirar do solo semântico frutos de diversos sentidos, cores e tamanhos. Alimentos comíveis que se voltam ao chão como sementes. Elas são colhidas pelos ouvidos, olhos, mãos e jogadas ao mundo pelo paladar da vida: a fala. Plantamos e colhemos signos. Os significantes são adubados com novos sentidos – significados-, estes que amolecem a dureza da forma e criam novas palavras e outros sentidos. A linguagem é uma permanente colheita laboral da alma. Bosi (2010) sussurrou em caracteres que a palavra é o leite materno da consciência. Por incrível que pareça, essa afirmação não é uma metáfora, os primeiros fonemas são produzidos numa abertura labial idêntica ao momento em que a bebê mama. Fonemas como *ma*, *ta*, *pa* são evocados na ausência do peito lactante, e repete-se *mama*, *tata* e *papa* na ação involuntária da sucção. A linguagem nasce no interim de gente e alimento.

---

Desde a mais remota infância, colhemos palavras e entregamo-nos imagens, caracteres, pensamento, sangue e alma. Adubamos o mundo com o esterco orgânico semântico: a vida ressoada nas agruras passadas. Contudo a linguagem é ação que deseja e esperança futuro; age na resistência dos fonemas; tremula nos muros e cercas. Derruba-os. Uma palavra foi-nos revelada recentemente e com um poder revigorante de esperança e resistência: a agroecologia. Ela é colada por fragmentos de prefixos e sufixos. Feita de querelas para se constituir como resistência.

Os canteiros do fordismo linguístico produziram palavras de massa: projeto, resultado, empreendedorismo, lucro e a tal da produtividade. Há um tipo de agricultura moderna da linguagem que subverte a linguagem na monocultura semântica. São verdadeiras lavouras de monotonia semântica, matam a diversidade biológica pelos verdes carpetes. Os adubos semânticos do lucro possuem versos métricos, tudo está em linha reta, num canto maquínico da poesia futurista. Enxertam ciência no solo, silenciam suas vontades e dores com *fast-foods* químicos. A batida do ritmo dos tratores, dos venenos computadorizados produzem um enxerto estético da aparência harmônica, mas o que há de fato é a morte do estado poético livre e libertário da natureza. Os poetas sabem que não é a poesia que gera poesia, mas é a Gaia o grande útero poético do mundo.

Numa pequena plantação agroecológica vê-se a diversidade, nos recebe de porteiras abertas. As araras revoam-se nas mangueiras. Produzem uma poesia da natureza, os sons sem palavras. Nossas palavras encolhem-se com a volúpia da terra fofa sombreada, as gotas de água alimentam o chão da vida. Quando o dia começa a fechar as suas pálpebras, a conversa circula, uma prosa em caracóis. A mandala de alface transforma-se canteiros de palavras. Todos os apreciadores falam, sobretudo, escutam sobre as labutas da produção orgânica. Os camponeses agroecológicos falam com alegria dos maxixes, dão risadas quando aventureiros universitários colhem o fruto espinhento. Ali, muitos papéis invertem-se, os professores são outros, os doutos têm calos e deixam o suor na terra. O suor é a lágrima do trabalho.

A labuta é construir os vínculos de afeto e harmonia entre natureza e agricultura. A primeira lição: não existe praga na natureza. A segunda: olhe para baixo e tome

---

cuidado com as plantinhas. A terceira: escute os desejos da terra. A agroecologia é uma experiência que retoma deleitar-se poético, é o admirar das pequenas porções e não dos grandes projetos narrativos. Ela nasce como um verso livre modernista, rola pelas leiras, perambula estrofes dos canteiros. Cata-se palavras-alimentos: couve, alface, tomatinho cereja e mamão granado. A agroecologia é uma resistência, a poesia, também. As diferentes espécies vegetais convivem, o que ao olhar domesticado pela técnica pode ser chamado de bagunçado, é uma criativa convivência das diferenças.

O olhar operacional da técnica enquadrou a natureza aos regimentos da ciência. O agronegócio tornou-se hegemônico, um portentoso nomeador da natureza. Os agrotóxicos vestem rótulos de defensivos agrícolas, deixaram de ser venenos e tornaram-se remédios dos latifundiários. A lata química é a mesma, mas a palavra concebe novos signos aos líquidos mortíferos. O *agro é pop* está estampado na elaborada publicidade que invade os televisores brasileiros entre um beijo apaixonado, da novela em horário nobre, e um “Boa Noite” do âncora do Jornal Nacional. A mídia convencional aplaude as forças hegemônicas, ela é por natureza a cristalização do hegemônico.

O pop é a abreviação do popular da cultura de massa. Adorno (2002) expoente da escola de Frankfurt, alertou que a cultura de massa e a reprodutibilidade técnica asfixiariam a diversidade. O pop agro age com esse *modus operandi*, pois os latifúndios modernos massificam e reduzem a diversidade alimentar pelo jogo sinuoso do lucro. Os recursos hídricos são capturados e exportados em formas de grãos. A água, o adubo coletivo da vida, transmuta-se em grandes operações financeiras feitas em dólares. No compêndio do atual do produzir agrícola, o agronegócio é o coroamento da cultura de massa alimentar, vocifera cânticos homogeneizantes sobre a terra. Os alimentos perdem a áurea singular em prol da regularidade produtiva.

Ao contragosto das grandes negociatas, temos o circuito alternativo dos alimentos, que se constitui com palavras simples e menos portentosas. Numa feira agroecológica, não falamos em *commodities* ou *superávits*, mas de banana nanica, mandioca ou tangerina. O alimento tem uma face de ser, é cheirado no toque calmo das mãos. Escolhido entre tantos outros, capturado na sua infinita singularidade. Dedicar-se

---

tempo e perguntas sobre a escolha do que será levado para a casa. O alimento de corpo e alma.

As palavras que vagam por uma feirinha são: obrigado; estava sumido; quanto custa a batatinha? O mamão está doce? O feirante-agricultor entrega a palavra de confiança na mesma sacolinha: pode confiar, o tomate foi colhido ontem. Levamos palavras, olhares e toques na experiência comestível da vida. Essa fenomenologia perde-se por completo no mundo virtual das grandes transações agrícolas.

A agroecologia é (re)existir. É palavra poética que incomoda as grandes narrativas dos circuitos superiores do capital. E refletir sobre a agroecologia é transcorrer sobre os conselhos de Santaella e Nöth (2015), a palavra pensa a palavra. Portanto, a linguagem, como alimentos, nos alimenta em prol da diversidade, diferença e diversidade.

### Crônica III - AGROECOLOGIA É ESCUTA

Por ser de lá  
Do sertão, lá do cerrado  
Lá do interior do mato  
Da caatinga do roçado.  
Eu quase não saio  
Eu quase não tenho amigos  
Eu quase que não consigo  
Ficar na cidade sem viver contrariado.  
Por ser de lá  
Na certa por isso mesmo  
Não gosto de cama mole  
Não sei comer sem torresmo  
Eu quase não falo  
Eu quase não sei de nada  
Sou como rês desgarrada  
Nessa multidão boiada caminhando a esmo.

*Lamento Sertanejo*

Composição: Dominginhos / Gilberto Gil, 1975.

Dominginhos e Gilberto Gil compuseram esta canção em meio à grande onda migratória no Brasil, que então se tornava “urbano”. Nas paisagens da época (anos 1970), famílias camponesas desterritorializadas peregrinavam às margens das rodovias,

---

a pé, em ônibus sucateados e em “paus de arara”. A figura do agregado de fazenda se diluía. O desemprego, a informalidade, a insegurança alimentar, a criminalidade dariam o tom das periferias urbanas que amontoariam, como coração de mãe, expropriados da terra.

A escassez de palavras denunciava o luto coletivo em um mundo – físico e simbólico – que se desmanchava. A urbanização que levou mais de século nos países europeus, aqui ocorreu em poucas décadas. A veloz inversão demográfica no Brasil era como os lances de Euler, “o filho do vento”, ou Wando, jogador aposentado do Vila Nova Futebol Clube (o “tigrão”). Só que sem *glamour*.

Menos de um século depois, a história se repetia: à semelhança da “vagabundagem” entre os negros “libertos” na virada do século XIX e XX (FERNANDES, 1989), os sertanejos sublimavam sua angústia na moda de viola, no cordel, no alcoolismo e, não raro, na violência contra mulheres e crianças. Afinal, em estado de alienação, distribui-se o que se recebe: opressão, violência e humilhação (hooks, 2019; FREIRE, 2017).

Todavia, a despeito do barulho ensurdecer da cidade grande, o silêncio ainda se impunha como índice de um espaço-tempo e de uma relação sociedade-natureza interrompidos. Um silêncio nem sempre saudoso, haja vista que a vida no campo não era como sugerem alguns romances regionalistas. Mas um silêncio que resguardava a “escuta ativa” – atitude, digamos, fora de moda na cidade.

O silêncio, motriz da escuta ativa, é condição da Agroecologia. Para isso, há de se cultivar a “douta ignorância”: “perspectiva negativa diante do saber, reconhecimento da existência do que se ignora, princípio da curiosidade – forma de desejo infantil” (DUNKER, 2020 p. 19).

A douta ignorância, no contexto da Agroecologia, supõe descolonizar nosso olhar para a natureza – esta que nos rodeia e da qual somos parte. Supõe abdicar da razão quadrada (CHAVEIRO, 2021) que condena nosso pensamento ao cartesianismo e nossa prática ao utilitarismo. A douta ignorância reconstitui a nossa já frágil capacidade de admiração, dilata os sentidos (audição, visão, paladar, tato e tanto outros que

---

desconhecemos), expande a compreensão à medida que nos permite acessar os contrários – condição do pensamento dialético.

Agroecologia é pausa. É recuo filosófico aos fundamentos das nossas ideias, valores e ações. É mudança de rota. É desconstrução, deslocamento, é “auto-mutilação”. Por isso é desafiadora, dolorosa. Exige a derrubada de sistemas de valores arraigados socialmente: bom, saudável, barato, gostoso, seguro.

Nos pertences de Rubem Alves (2011), parte da Agroecologia estaria certamente guardada na caixa de brinquedos, não na de ferramentas. Junto às coisas inúteis, como poesia e canto de pássaro. Alimento do espírito, agroecologia é “ÑE’É” (palavra-alma em guarani).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A imersão no universo das crônicas, especialmente quando se parte de uma tradição discursiva que abomina no texto acadêmico qualquer manifestação da mais transgressora potência humana (a imaginação), funciona como uma oxigenação do pensamento e libertação das emoções malditas pela razão cartesiana.

A condição de colunistas e, portanto, de escritores periódicos de crônicas nos reposicionou diante do problema da atenção e da fragmentação do sujeito, uma vez que a matéria-prima de tal gênero literário é justamente o ordinário, o cotidiano, o facilmente despercebido.

A escrita de crônicas nos lançou na luta pela atenção, pelos sentidos, pela observação e descrição densas. Descobrimos, entre a Geografia e a Literatura, a densidade do ínfimo, a grandeza dos detalhes, a inesgotável diversidade das coisas, a “variedade como a própria vida” (KROPOTKIN, 2021).

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. **Indústria Cultural e Sociedade**. Tradução por Juba Elisabeth Levy. 5ª edição. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2002.

ALVES, Rubem. **Educação dos sentidos e mais...** Verus Editora, 2011.

---

BOSI, Alfredo. **O ser e tempo da poesia**. 8ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CHAVEIRO, Eguimar. A implacável fragilidade do quadrado. Coluna Opinião – **Multiplicadores de Visat** (blog). Disponível em: [www.multiplicadoresdevisat.com](http://www.multiplicadoresdevisat.com). Acesso em: set. de 2021.

CHAVEIRO, Eguimar Felício. Dizibilidades literárias: a dramaticidade da existência nos espaços contemporâneos. **Geograficidade**, v. 5, n. 1, p. 40-51, 2015. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/>. Acesso em: março 2023.

DUNKER, Christian. **Paixão da ignorância**: a escuta entre Psicanálise e Educação – Coleção Educação e Psicanálise. – São Paulo: Editora Contracorrente, 2020.

FERNANDES, Florestan. **O significado do protesto negro**. São Paulo: Cortez, São Paulo: 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. – 64 ed. – Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

GONÇALVES, Ricardo J. de A. Fernandes. Interpretações geográficas em Moçambique /África e experiências dialógicas na terra de boa gente (Inhambane). **Revista Pegada**. Presidente/SP, vol. 19, nº 2, pp. 410 - 437, 2018.

HOOKS, bell. **Teoria Feminista**: da margem ao centro. – São Paulo: Perspectiva, 2019.

KROPOTKIN, Piotr. **Socialismo**. Intermezzo/ Biblioteca Terra Libre, 2021.

MARANDOLA JR, Eduardo. Olhar encarnado, geografias em formas-de-vida. **GeoTextos**, v. 14, n. 2, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/geotextos/article/view/28599>.

MOREIRA, Ruy. **O que é Geografia**. Brasiliense, 2017.

MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em Geografia**. São Paulo: Contexto, 2007.

SPECIAN, Valdir; CHAVEIRO, Eguimar F. Resistência Socioambiental: outra dimensão da atividade camponesa. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, Edição Especial: I CIGEO-DR, pp. 89 – 104, 2020. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia>>. Acesso em: 26 set. 2021.

SANATAELLA, Lucia; NÖTH, Winfried. **Imagem**: cognição, semiótica, mídia. 9ª reimpressão. São Paulo: Iluminuras, 2015.

---

**Ana Carolina Oliveira Marques** - Doutora em Geografia (UFG). Docente no Departamento de Geociências da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Docente do Programa de Pós-Graduação (Mestrado) em

---

Geografia da Universidade Estadual de Goiás (PPGEO/Campus Cora Coralina). Coordenadora do Núcleo PIBID Geografia/UFPB. (2021 - 2023) Secretária da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia (ANPEGE). (2018-2020) Diretoria da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB - Seção Goiânia). Pesquisadora da rede "Espaço, Sujeito e Existência" (CNPq/UFG) e colunista da página Multiplicadores de Vigilância em Saúde do Trabalhador (FIOCRUZ/RJ). Áreas de interesse: cartografias existenciais; leitura territorial da escola; juventude e educação geográfica.

**Rodrigo Emídio Silva** - Possui graduação em Geografia pela Universidade Estadual de Goiás(2007), especialização em Métodos e técnicas de ensino pela Universidade Saldado de Oliveira(2010) e mestrado em Geografia Humana pela Universidade Federal de Goiás (2022). Atualmente é professor da Secretaria municipal de Educação, professor da Secretaria Estadual de Educação, da Universidade Federal de Goiás, da Universidade Estadual de Goiás e Revisor de periódico da Revista Geografia Literatura e Arte da Faculdade de Filosofia. Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em Geografia Humana. Atuando principalmente nos seguintes temas: Cinema, Olhar, Paisagem, Cidade.

**Valdir Specian** - Possui graduação em Geografia pela Universidade Estadual de Maringá, especialização em Educação Ambiental e mestrado em Ciências da Engenharia Ambiental (2003), ambos pela Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo. Doutorado em Geografia pela Universidade Federal de Jataí - PPGGEO/UFJ. Atualmente é docente da Universidade Estadual de Goiás, Unidade de Iporá e responsável pelo Laboratório de Estudos do Ambiente e do Território - LEAT/UEG. É membro do Grupo de Pesquisa: Espaço, Sujeito e Existência (Dona Alzira/IESA/UFG). Tem experiência na área de Geografia, atuando principalmente nos seguintes temas: climatologia geográfica, geografia agrária com ênfase aos atingidos por barragens e sociobiodiversidade do Cerrado. Resumindo, sou um trabalhador.

---

Recebido para publicação em 17 de julho de 2023.

Aceito para publicação em 12 de março de 2024.

Publicado em 20 de março de 2024.